

**ENTRE O LEGENDÁRIO DE TOLKIEN E AS LENDAS DO NORTE: KING SHEAVE (REI SHEAVE), DE J. R. R. TOLKIEN, 1936-1937**

**BETWEEN TOLKIEN'S LEGENDARIUM AND THE LEGENDS OF THE NORTH: KING SHEAVE (REI SHEAVE), BY J. R. R. TOLKIEN, 1936-1937**

Rafael Silva Fouto<sup>1</sup>

**Resumo:** J. R. R. Tolkien não apenas é um nome reconhecido no meio popular da literatura fantástica, mas também no campo de filologia das línguas germânicas e de estudos medievalistas. O engajamento do autor tanto com o inglês antigo quanto com o nórdico antigo o levou a explorar, expandir e adaptar mitos e lendas do norte europeu dentro e fora de seu legendário, nome dado ao conjunto de histórias mitopoéticas que constituem seu mundo ficcional de Arda, desenvolvido por Tolkien ao longo de várias décadas. Entre seus muitos textos abandonados ou inacabados se encontra o poema “King Sheave”, que reconta e expande fragmentos de narrativas contidas em diversas fontes medievais, dentre elas *Beowulf*, que abordam a história da misteriosa figura semilendária de Scaef. O poema de Tolkien reproduz elementos da métrica poética anglo-saxônica de modo a inseri-lo organicamente dentro de uma tradição contínua de contos fragmentados a respeito de Scaef, fornecendo ao mesmo tempo elementos narrativos que dialogam com o legendário do autor. O presente artigo tem por objetivo trazer uma tradução lusófona desse poema, recontando em português a história tecida por Tolkien, ao mesmo tempo que busca recriar a imagética e ritmo poéticos do norte europeu conforme apresentados em “King Sheave”.

**Palavras-chave:** J. R. R. Tolkien; Scaef; Scyld Scefing; Tradução poética.

**Abstract:** J. R. R. Tolkien is not only a recognized name in the popular sphere of fantasy literature, but also in the fields of Germanic philology and medieval studies. The author's engagement with both Old English and Old Norse led him to explore, expand, and adapt Northern European myths and legends within and outside his legendarium, the name given to the set of mythopoeic stories that constitute his fictional world of Arda, developed by Tolkien over several decades. Among his many abandoned or unfinished texts is the poem “King Sheave,” which retells and expands fragments of narratives contained in various medieval sources, including *Beowulf*, which address the story of the mysterious semi-legendary figure of Scaef. Tolkien's poem reproduces elements of the Anglo-Saxon poetic meter in a way that organically inserts it within a continuing tradition of fragmented tales about Scaef, while also providing narrative elements that dialogue with the author's legendarium. This article aims to provide a Lusophone translation of this poem, retelling in

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE (2015), Mestre em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2018) e Doutor em Literatura também pela Universidade Federal de Santa Catarina (2024). Atualmente é professor de Literatura Inglesa no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: [rafaelfouto@gmail.com](mailto:rafaelfouto@gmail.com). ORCID: 0009-0003-9922-3262.

Portuguese the story woven by Tolkien, while also seeking to recreate the poetic imagery and rhythm of Northern Europe as presented in “King Sheave.”

**Keywords:** J. R. R. Tolkien; Scaef; Scyld Scefing; Poetic translation.

### Introdução

O escritor inglês John Ronald Reuel Tolkien, conhecido como J. R. R. Tolkien, é um dos autores mais famosos e populares da literatura fantástica inglesa e mundial, ganhando notoriedade no meio literário por seu grande épico de fantasia, *O Senhor dos Anéis*, publicado originalmente entre 1954 e 1955. Além de escritor, Tolkien era também filólogo, atuando ao longo de sua vida como professor na Universidade de Oxford, com foco em particular na literatura medieval do norte europeu (Carpenter, 2006). O poema “King Sheave”, parte do corpus literário póstumo do escritor publicado por seu filho, Christopher Tolkien, no livro *The Lost Road and Other Writings* (1987), dentro da série *The History of Middle-earth*, é um exemplo do trabalho do autor em uma intersecção entre as suas habilidades como escritor e como filólogo.

Possivelmente escrito entre 1936-1937 e revisado em 1946, “King Sheave” se insere dentro de uma versão inicial do chamado legendário de Tolkien, o conjunto de narrativas que constituem o seu mundo fantástico de Arda. O nome e temática do texto de Tolkien fazem referência ao rei lombardo Scaef ou Scef, mencionado no poema anglo-saxão *Widsið* (anônimo, século X), assim como ao fragmento de Scyld Scefing – Scyld filho de Scef – contido no poema anglo-saxão *Beowulf*, de autoria desconhecida e possivelmente escrito no século X. Alexander M. Bruce (2002) reforça que Scaef também aparece em genealogias islandesas, como na *Langfeðgatal* (anônimo, século XII), onde aparece como Seskef ou Scealdna. Ainda de acordo com Bruce (2002), as menções a essa figura lendária em textos islandeses demonstram claramente um empréstimo anglo-saxão, visível em particular na grafia e forma do nome Scealdna. Esse empréstimo, contudo, não ocorre com a figura de Scyld, que aparece de maneira nativa em fontes islandesas e escandinavas como Skjöldr, por exemplo, o qual é filho de Odin na *Ynglinga saga* de Snorri Sturluson (século XIII), latinizado como Skioldus na *Gesta Danorum* (século XII), do dinamarquês Saxo Grammaticus (Bruce, 2002). A única narrativa conhecida

sobre o próprio Scaef aparece apenas na *Gesta Regum Anglorum*, de Guilherme de Malmesbury (século XII):

Sceldius Scaef. Iste, ut ferunt, in quendam insulam Germaniae Scandzam; de qua Iordanes historiographus Gothorum loquitur,“ appulsus navi sine remige puerulus, posito ad caput frumenti manipulo dormiens, ideoque Scaef nuncupatus, ab hominibus regionis illius pro miraculo exceptus et sedulo nutritus, adulta aetate regnavit in oppido quod tunc Slaswic, nunc uero” Haithebi appellatur. Est autem regio ilk Anglia Vetus dicta, unde Angli uenerunt in Britanniam. (Malmesbury, 1998, p. 176)<sup>2</sup>

A similaridade dessa história com o fragmento a respeito de Scyld Scefing em *Beowulf* levanta a possibilidade de um mito germânico mais arcaico, misturando progenitor e descendente. Em *Beowulf*, é dito que quando bebê, Scyld Scefing foi encontrado nas margens do mar em um barco misterioso, e que cresceu para ser um grande rei de um povo navegador. Na versão de Guilherme de Malmesbury, é Scaef quem é encontrado como uma criança adormecida em um barco sem remos e com um feixe de milho sobre sua cabeça. O fato de que a palavra *scaef* significa “feixe” em inglês moderno (*sheaf*) permite uma interpretação do nome Scyld Scefing como Scyld (“Escudo”) do Feixe, ou seja, como a própria figura de Scaef, não seu descendente.

Seguindo essa linha de raciocínio – e a versão de William de Malmesbury – é que a narrativa do poema de Tolkien representará a história de Sheave, modernização do inglês antigo *Scaefa* como nome pessoal, inserindo-a dentro de uma versão fantástica do mundo real da Inglaterra anglo-saxônica, em que personagens desse período descobrem histórias e lendas relacionadas aos elfos e divindades que formariam parte do legendário tolkieniano. Nesse sentido, ela faz parte da ideia original para o legendário do autor, do desejo por terras élficas além-mar ao oeste envolvendo o personagem anglo-saxão Ælfwine, com a história de Sheave sendo recitada em um salão de hidromel no reinado de Edward (Eduardo, o Velho, rei de Wessex de 899 a 924). Uma versão revisada e em prosa desse poema apareceria na obra *The*

---

<sup>2</sup> “Sceld de Scaef (Este Scaef, dizem, aportou numa ilha na Alemanha chamada Scandza, mencionada por Jordanes, o historiador dos godos, como uma criança pequena num navio sem tripulação, adormecido com um feixe de trigo colocado sobre sua cabeça, e foi então chamado de Scaef [Feixe]. Os homens daquela região o receberam como algo milagroso e o criaram cuidadosamente, e chegando à idade adulta ele reinou sobre a cidade chamada então de Slaswic, hoje em dia Hedeby. O nome daquela região é Ânglia Antiga, e foi de lá que os anglos vieram para a Bretanha” (Minha tradução).

*Notion Club Papers*, um romance escrito e abandonado por Tolkien em 1945, que seria publicado postumamente em *Sauron Defeated* (1992), também parte da série *The History of Middle-earth*. A tradução que trago aqui é do poema, o qual, por sua vez, utiliza-se de recursos típicos da antiga poesia germânica, especificamente anglo-saxônica.

Como professor de filologia germânica com foco no inglês antigo, Tolkien conhecia profundamente bem a estética, métrica e conteúdo da poesia anglo-saxônica, empregando elementos desta em sua própria criação poética. Desse modo, cabe aqui uma breve explicação da forma de poesia utilizado por esse povo antigo, com o objetivo de melhor entender a escrita do autor em “King Sheave”.

Os anglo-saxões empregavam a versificação germânica em seus textos, baseada na escrita contínua de versos aliterativos. Isso era feito sem qualquer divisão estrófica entre os versos, mas por meio de uma separação – ou cesura – implícita do verso em dois “meio-versos” ou hemistíquios, geralmente de igual tamanho, contendo duas sílabas tônicas ditas “fortes” (chamadas de *lifts* na tradição inglesa) e duas “fracas” (*fall*) (Scragg, 2013); a aliteração ocorria entre ambos os hemistíquios, com a ênfase recaindo nas partes da palavra com maior importância semântica, seguindo os padrões da fala, com um ritmo que Scragg cita ser trocaico ou dactílico (2013, p. 54), mas que podia variar em diversos tipos conforme cada poema ou mesmo cada verso. Tal esquema geral pode ser visto, de maneira simplificada, no seguinte exemplo, retirado do verso 32 de *Beowulf*, com base em Scragg (2013, p. 54), onde \_ marca aliteração, / marca uma sílaba forte, e x uma fraca:

Pær æt hyðe stod hringedstefna

x x / x / / x / x

Um padrão aliterativo similar pode também ser visto no texto de “King Sheave” de Tolkien, como no exemplo a seguir, retirado do verso 2 do poema:

to the Longobards, in the land dwelling

x x / x / x x / / x

Conforme é possível observar, há uma cadência e elevação de sons em cada hemistíquio tal como na poesia em inglês antigo, com a aliteração entre ambos seguindo o padrão comum de duas aliterações, uma entre cada parte do “meio-verso”. Cabe ressaltar que a aliteração no modelo germânico pode ocorrer apenas entre palavras que carregam maior peso semântico no verso, e que vogais podem aliterar livremente com qualquer outra vogal, ainda que sempre entre as primeiras sílabas tônicas de cada palavra, diferindo assim do conceito de assonância como presente na poesia em língua portuguesa. Minha tradução teve por objetivo recriar a métrica aliterativa empregada por Tolkien, sem abdicar da imagética poética do texto fonte, como será possível perceber.

### Tradução<sup>3</sup>

“King Sheave”	“Rei Sheave” <sup>4</sup>
In days of yore out of deep Ocean to the Longobards, in the land dwelling that of old they held amid the isles of the North, a ship came sailing, shining-timbered without oar and mast, eastward floating. The sun behind it sinking westward with flame kindled the fallow water. Wind was wakened. Over the world’s	Em dias passados do Oceano profundo aos lombardos, no local habitando donde antanho retinham entre as ilhas do Norte, veio um navio a singrar, emadeirado-cintilante sem remo ou haste, flutuando ao oriente. O sol por trás dele, submergindo ao ocidente ardeu com chama a água pálido-dourada. O vento foi acordado. Sobre a orla do mundo

<sup>3</sup> O padrão aliterativo pôde ser reproduzido até certo ponto ao longo da tradução em português, seguindo o emprego da linguagem poética anglo-saxônica utilizada por Tolkien. Da mesma forma, o conteúdo de cada verso não foi rearranjado visando uma sintaxe mais objetiva em português, havendo alterações apenas entre cada hemistíquio: como a escrita poética de Tolkien é também propositadamente conservadora e complexa em estrutura, foi escolhido manter esse caráter na tradução em português. Um desafio em particular se encontra na questão da tonicidade: prefixos raramente são tônicos na língua inglesa, permitindo que Tolkien alitere, por exemplo, *men* com *amazed*; o mesmo não se dá no português, em que a sílaba tônica mais comum é a penúltima (paroxítone), de modo que optei por aliterar entre sílabas formadas por prefixos em minha tradução.

<sup>4</sup> Optei por manter o nome Sheave na tradução, em lugar de um potencial Rei Feixe em português, já que Tolkien optou também por um nome pessoal de significação mais opaca baseado no inglês antigo *Sceafa*, em vez de *Sceaf*. Este último nome teria gerado King Sheaf em inglês moderno, de significado aparente: Rei Feixe (de Trigo).



margin

clouds greyhelmed climbed slowly up  
wings unfolding wide and looming,  
as mighty eagles moving onward  
to eastern Earth omen bearing.

Men there marvelled, in the mist  
standing  
of the dark islands in the deeps of time:  
laughter they knew not, light nor  
wisdom;  
shadow was upon them, and sheer  
mountains  
stalked behind them stern and lifeless,  
evilhaunted. The East was dark.

The ship came shining to the shore  
driven  
and strode upon the strand, till its stem  
rested  
on sand and shingle. The sun went  
down.

The clouds overcame the cold heavens.  
In fear and wonder to the fallow water  
sadhearted men swiftly hastened  
to the broken beaches the boat seeking,  
gleaming-timbered in the grey twilight.  
They looked within, and there laid  
sleeping  
a boy they saw breathing softly:

nuvens elmo-cinzentas lentamente ascenderam  
asas desdobrando-se largas e iminentes,  
como magníficas águias movendo-se avante  
portando à Terra ao leste um presságio.

Homens lá deslumbraram-se, na neblina se  
detendo  
das tenebrosas ilhas nos abismos do tempo:  
satisfação desconheciam, nem luz ou  
sabedoria,  
as trevas recaíam sobre eles, e tirânicas  
montanhas  
os espreitavam por trás, rígidas e inertes,  
mal-assombradas. O Leste estava macabro.

Brilhando veio o navio à beira-mar conduzido  
e percorreu em direção à praia, até que sua  
proa acostou  
sobre a areia e saibro. O sol se pôs.  
As nuvens sobrepujaram os céus gélidos.  
Sob pavor e espanto às pálidas águas douradas  
homens infelizes velozmente se apressaram  
às praias partidas o navio procurando,  
emadecido-claro no cinzento crepúsculo.  
Miraram adentro, e ali achava-se dormindo  
um menino eles viram respirando  
meigamente:  
sua face era formosa, sua forma terna,  
seus membros eram alvos, seus cachos ébanos  
áureo-trançados. Dourada e esculpida



his face was fair, his form lovely,  
his limbs were white, his locks raven  
golden-braided. Gilt and carven  
with wondrous work was the wood  
about him.

In golden vessel gleaming water  
stood beside him; strung with silver  
a harp of gold neath his hand rested;  
his sleeping head was soft pillowed  
on a sheaf of corn shimmering palely  
as the fallow gold doth from far  
countries  
west of Angol. Wonder filled them.

The boat they hauled and on the beach  
moored it  
high above the breakers; then with hands  
lifted  
from the bosom its burden. The boy  
slumbered.

On his bed they bore him to their bleak  
dwellings  
darkwalled and drear in a dim region  
between waste and sea. There of wood  
builded  
high above the houses was a hall  
standing  
forlorn and empty. Long had it stood so,  
no noise knowing, night nor morning,  
no light seeing. They laid him there,

com magnífico labor era a madeira a seu redor  
em áurea nave a água ofuscante  
permaneceu ao seu lado, encordoada com  
prata  
uma harpa de ouro sob sua mão se assentava;  
sua testa adormecida estava em suave  
almofadado  
sobre um feixe de trigo de fraco fulgor  
como faz a cor pálida do ouro de pátrias  
distantes  
ao oeste de Angol. Tomou-lhes o espanto.

Puxaram o barco e na praia o atracaram  
bem acima da rebentação; então com mãos  
altearam  
do seio a sua carga. O garoto cochilava.  
Na sua cama o carregaram às suas desoladas  
casas  
sombrio-muradas e melancólicas numa região  
mortiça  
entre ermo e mar. Lá construído de madeira  
bem acima das casas um salão se encontrava  
olvidado e desabitado. Por longo assim foi  
deixado,  
desconhecendo ruídos, no anoitecer ou no  
raiar,  
sem ver luz. Eles ali o levaram,  
sob fecho o deixaram sozinho dormindo  
no vazio sombrio. Eles seguraram as portas.  
A noite se desvaneceu. Nova alvorecida



under lock left him lonely sleeping  
in the hollow darkness. They held the  
doors.

Night wore away. New awakened  
as ever on earth early morning;  
day came dimly. Doors were opened.  
Men strode within, then amazed halted;  
fear and wonder filled the watchmen.  
The house was bare, hall deserted;  
no form found they on the floor lying,  
but by bed forsaken the bright vessel  
dry and empty in the dust standing.

The guest was gone. Grief o'ercame  
them.

In sorrow they sought him, till the sun  
rising  
over the hills of heaven to the homes of  
men  
light came bearing. They looked upward  
and high upon a hill hoar and treeless  
the guest beheld they: gold was shining  
in his hair, in hand the harp he bore;  
at his feet they saw the fallow-golden  
cornsheaf lying. Then clear his voice  
a song began, sweet, unearthly,  
words in music woven strangely,  
in tongue unknown. Trees stood silent  
and men unmoving marvelling  
hearkened.

como sempre na terra a manhã cedo;  
o dia veio deslustrado. Portas foram  
descerradas.

Homens a passos largos entraram, então  
pasmos pararam;  
Temor e assombro tomaram os vigias.  
A casa estava despojada, salão deserto;  
nenhuma forma encontraram no chão estando  
salvo por cama abandonada o cintilante navio  
seco e esvaziado na poeira se encontrando.

O hóspede partira. Dominou-lhes o pesar  
Em sofrimento o buscaram, até que o sol  
nascendo

sobre os morros celestiais às moradias dos  
homens  
a luz veio levando. Eles olharam longe acima  
e superior sobre um morro cinzento e  
desmatado

o hóspede os observou: brilhando estava o  
ouro  
em seu cabelo, na mão uma harpa carregava;  
aos seus pés eles viram o pálido-dourado  
feixe de trigo jazendo. Então tangível sua voz  
uma canção principiou, carinhosa,  
sobrenatural,  
palavras em música composta  
misteriosamente,  
em língua secreta. Árvores ficaram silenciosas  
e homens imóveis maravilhando-se atentaram.



Middle-earth had known for many ages  
neither song nor singer; no sight so fair  
had eyes of mortal, since the earth was  
young,  
seen when waking in that sad country  
long forsaken. No lord they had,  
no king nor counsel, but the cold terror  
had dwelt in the desert, the dark shadow  
that haunted the hills and the hoar forest.  
Dread was their master. Dark and silent,  
long years forlorn, lonely waited the  
hall of kings, house forsaken  
without fire or food.

Forth men hastened  
from their dim houses. Doors were  
opened  
and gates unbarred. Gladness wakened.  
To the hill they thronged, and their  
heads lifting  
on the guest they gazed. Greybearded  
men  
bowed before him and blessed his  
coming  
their years to heal; youths and maidens,  
wives and children welcome gave him.  
His song was ended. Silent standing  
he looked upon them. Lord they called  
him;

A Terra-média não havia conhecido por muito  
tempo  
nem canção ou cantor; nenhuma vista tão  
clemente  
havia olhos mortais, desde que a terra fora  
manceba,  
visto quando despertando naquele país  
descontente  
há longo abandonado. Nenhum lorde eles  
possuíam  
tampouco rei ou conselho, apenas o terror  
gélido  
havia morado no ermo, a sombra escura  
que assombrava os outeiros e a floresta  
encanecida.  
Terror era seu mestre. Tenebroso e silencioso,  
longos anos abandonado, solitário esperou o  
salão dos reis, desamparada residência  
desprovida de fogo ou festim.  
Avante homens se apressaram  
de suas habitações soturnas. Portas foram  
abertas  
e portões descerrados. Alegrias despertadas.  
Ao morro se aglomeraram, e suas cabeças  
alteando  
o hóspede contemplaram. Homens barba-  
grisalhos  
se curvaram ante ele e clamaram sua chegada



king they made him, crowned with  
golden  
wheaten garland, white his raiment,  
his harp his sceptre. In his house was  
fire,  
food and wisdom; there fear came not.  
To manhood he grew, might and  
wisdom.

Sheave they called him, whom the ship  
brought them,  
a name renowned in the North countries  
ever since in song. For a secret hidden  
his true name was, in tongue unknown  
of far countries where the falling seas  
wash western shores beyond the ways of  
men  
since the world worsened. The word is  
forgotten  
and the name perished.

Their need he healed,  
and laws renewed long forsaken.  
Words he taught them wise and lovely  
—  
their tongue ripened in the time of  
Sheave  
to song and music. Secrets he opened  
runes revealing. Riches he gave them,  
reward of labour, wealth and comfort

seus anos a revigorar; rapazes e raparigas,  
esposas e crianças boas-vindas lhe  
concederam.  
Sua canção finalizou. Em silêncio ficando  
longamente ele os observou. Lorde o  
batizaram;  
o converteram em rei, coroado com dourada  
grinalda de trigo, branco o seu traje,  
sua harpa seu cetro. Em sua habitação havia  
fogo,  
festim e sabedoria; lá o medo não frequentava.  
À virilidade floresceu, sabedoria e força.  
Sheave o chamaram, que por barco chegou a  
eles,  
um nome de reputação nos países do Norte  
desde então em canção. Pois uma confissão  
oculta  
seu nome original era, em idioma obscuro  
de regiões longínquas onde mares  
requerendo  
lavam as costas ocidentais além dos caminhos  
dos homens  
desde que o mundo piorou. A palavra foi  
preterida  
e o nome pereceu.  
Sua carência ele curou,  
e leis renovou longo tempo esquecidas.  
Palavras lhes ensinou sábias e encantadoras —



from the earth calling, acres ploughing,  
sowing in season seed of plenty,  
hoarding in garner golden harvest  
for the help of men. The hoar forests  
in his days drew back to the dark  
mountains;  
the shadow receded, and shining corn,  
white ears of wheat, whispered in the  
breezes  
where waste had been. The woods  
trembled.

Halls and houses hewn of timber,  
strong towers of stone steep and lofty,  
golden-gabled, in his guarded city  
they raised and roofed. In his royal  
dwelling  
of wood well-carven the walls were  
wrought;  
fair-hued figures filled with silver,  
gold and scarlet, gleaming hung there,  
stories boding of strange countries,  
were one wise in wit the woven legends  
to thread with thought. At his throne  
men found counsel and comfort and  
care's healing,  
justice in judgement. Generous-handed  
his gifts he gave. Glory was uplifted.  
Far sprang his fame over fallow water,  
through Northern lands the renown

seu idioma maturou na época de Sheave  
para canção e música. Segredos ele clarificou  
runas revelando. Riquezas ele lhes deu,  
favor de labor, fortuna e conforto  
da terra clamando, acres cultivando  
semeando em sação a semente da abundância,  
conservando em armazém colheita áurea  
para auxílio dos homens. As florestas  
encanecidas  
em seus dias titubearam para os montes  
tenebrosos;  
a sombra recuou, e o cintilante grão,  
alva espiga de trigo, sussurrou nas aragens  
onde desolação estivera. Bosques  
estremeceram.

Salões e moradias cinzelados de madeira,  
poderosas torres de pedra íngremes e  
pomposas,  
dourado-outões, em sua cidade defendida  
eles ergueram e revestiram. Em sua régia  
habitação  
de madeira bem entalhada os muros foram  
moldados;  
figuras de puros tons preenchidas com prata,  
áureas e rubras, penduradas lá  
resplandecendo,  
estórias pressagiando sobre estranhas nações,  
foram àquele sábio em sagacidade as sagas  
tecidas



echoed  
of the shining king, Sheave the mighty.

<sup>5</sup>Seven sons he begat, sires of princes,  
men great in mind, mighty-handed  
and high-hearted. From his house  
cometh

the seeds of kings, as songs tell us,  
fathers of the fathers, who before the  
change

in the Elder Years the earth governed,  
Northern kingdoms named and  
founded,

shields of their peoples: Sheave begat  
them:

Sea-danes and Goths, Swedes and  
Northmen,  
Franks and Frisians, folk of the islands,  
Swordmen and Saxons, Swabes and  
English,

and the Langobards who long ago  
beyond Myrcwudu a mighty realm  
and wealth won them in the Welsh  
countries

a trançar com pensamento. Ao seu trono  
homens descobriram conselho e conforto e  
cura do zelo,  
justiça em julgamento. Entregue-generosos  
suas doações ele deu. Glória foi dignificada.  
Longe perpassou seu prestígio sobre água de  
pousio,  
através das terras Nórdicas ecoou o renome  
do rei radiante, Sheave o robusto.

Sete filhos ele gerou, genitores de príncipes,  
homens de mente grandiosa, mãos-potentes,  
e coração-elevados. De sua casa vieram  
as sementes dos reis, como canções nos  
relatam,

pais dos pais, que previamente à mudança  
nos Anos Antigos a terra orientaram,  
reinos nórdicos fundados e nomeados,  
escudos de suas gentes: Sheave os gerou:  
daneses-navegantes e godos, suecos e  
nortenhos,

francos e frísios, filhos das ilhas,  
brondingos<sup>6</sup> e saxões, suábios e ingleses,  
e os lombardos que há longo tempo atrás

<sup>5</sup> Segundo Christopher Tolkien (2015), essa estrofe final é um acréscimo posterior ao poema, de 1946, também adicionado à sua versão em prosa.

<sup>6</sup> Escolhi “brondingos” para traduzir *Swordmen* do texto fonte para especificar o sentido de ser o nome de uma tribo, não uma profissão. Christopher Tolkien (2015) desconhece precisamente qual teria sido a referência para esse nome no poema, mas acredita ter sido a tribo dos brondingos, liderados por Breca, conforme aparecem em *Beowulf*, uma vez que *brond* (ou *brand*) significa *sword* em inglês moderno. Ao mesmo tempo, o emprego da tradução “espada-chim” para esse nome, além de remeter a uma profissão, rompe com o padrão métrico da tradução, adicionando mais dois conjuntos aliterativos (espada-chim/ingleses) além do principal (saxões/suábios) em um mesmo verso.

<p>where Ælfwine Eadwine's heir          in Italy was king. All that has passed.          (Tolkien, 2015, p. 87-91)</p>	<p>além de Myrcwudu um reino marcante          e riqueza ganharam nos países gauleses<sup>7</sup>          onde Ælfwine herdeiro de Eadwine,          na Itália foi rei. Tudo isso já acabou.</p>
---	---

### Análise do poema

Tendo apenas fragmentos de lendas de diversos povos germânicos para tecer sua narrativa sobre o misterioso Sheave, Tolkien explora principalmente o que é dito a respeito de Scaef no texto de Guilherme de Malmesbury, o qual, por sua vez, utiliza-se também aspectos muito similares a respeito de Scyld conforme mencionados em *Beowulf*. O próprio poema de Tolkien encontra-se inserido em fragmentos da narrativa incompleta do personagem Ælfwine Wídlást (“O Muito Viajado”), que o recita dentro do salão de hidromel do rei Edward (Tolkien, 2015). Nessa versão inicial do legendário do autor, Ælfwine seria um descendente distante do personagem Eärendil, uma das primeiras criações de Tolkien, também baseada em fragmentos de textos em inglês antigo – neste caso, uma referência ao poema *Crist I*, anônimo e provavelmente escrito no século IX, que menciona um certo Earendel (nórdico antigo Aurvandill), o mais brilhante dos anjos (Olsen; Raffel, 1998) – e que eventualmente apareceria plenamente caracterizado como um marinheiro semidivino na publicação póstuma de *O Silmarillion* (1977).

Tal como Ælfwine, um personagem parcialmente histórico e parcialmente fantástico, Sheave também apresenta relações que o conectam tanto às lendas dos povos germânicos quanto às lendas que constituem o legendário de Tolkien. A origem misteriosa de Scaef é explorada dentro da perspectiva da Ilha Abençoada do legendário, que se encontra ao oeste: dessa forma, o barco de Sheave flutua em direção ao leste, vindo do mar profundo. O brilho do sol atrás do barco, juntamente com as nuvens que avançam como águias no céu fazem, talvez, referência às águias de uma versão inicial de Manwë, rei dos Valar, seres divinos dentro da mitologia tolkieniana. Simultaneamente, a questão de a criança estar sozinha no barco

<sup>7</sup> O poema de Tolkien utiliza-se da palavra *Welsh* em seu sentido original, como “estrangeiro”, não no sentido da nacionalidade moderna (“galeses”). Tanto o adjetivo “galês” quanto “gaulês” descendem do antigo franco *walh*, da mesma origem germânica do inglês *Welsh*. Considerando que o poema se refere aos estrangeiros do continente europeu, acredito que “gauleses” representa melhor o sentido do texto fonte.

segue de maneira próxima a história apresentada em *Gesta Regum Anglorum*, reforçando sua presença também quase divina dentro da mitologia do norte europeu.

Da mesma forma, o mundo sombrio e enevoado habitado pelos homens do norte, em que o Leste é representado como opressivo e perigoso, também inclui essa descrição poética simultaneamente baseada na mitologia nórdica e no legendário do autor. Thor é frequentemente retratado vindo do Leste, seja por estar passando por aventuras estranhas ou por estar enfrentando os *jötnar* nessa região, como por exemplo no *Hárbarðsljóð* (“Canto de Hárbarðr”), da *Edda Poética*, de autoria desconhecida e possivelmente escrito no século XIII, o que demonstra o caráter perigoso dessa direção no imaginário nórdico. Ao mesmo tempo, o Leste é também a direção de onde o Senhores do Escuro Morgoth e Sauron reinam no legendário tolkieniano (assim como o próprio Norte, no caso de Morgoth).

O local de origem de Sheave, vindo do Oeste em um barco brilhante e dourado, faz referência também ao legendário, como a Terra Abençoada de Aman, ou mesmo à Ilha de Tol Eressëa, o ponto mais a leste de Eldamar, a terra dos elfos em Aman, a qual *Ælfwine* teria sido capaz de alcançar navegando pelo Atlântico. Contudo, a constante repetição da palavra *fallow* (“dourado” ou “amarelo pálido”) para descrever tanto a água do mar por onde Sheave chegou quanto o trigo a seus pés, estabelece uma conexão com a lendária *Glæsisvellir* (“Planícies Brilhantes”) dos mitos nórdicos, mencionada, por exemplo, na *Hervoarar saga ok Heiðreks* (“A Saga de Hervör e Heidrek”), escrita no século XIII e de autoria desconhecida, conforme observa Matthias Egeler (2017). Segundo esse autor, a ideia de *Glæsisvellir* contém influências das *immrama* (“navegações”) irlandesas, e também da ilha abençoada de Avalon das lendas bretãs e galesas (2017); entretanto, Egeler explana sobre a possibilidade de uma origem pré-cristã para a ilha, cujo nome original poderia ter sido *Glasisvellir*, em referência à árvore Glasir que se encontra em frente a Valhalla, cuja folhagem é inteiramente de ouro. Assim, *Glasisvellir* poderia ser traduzida como “Planícies da (árvore dourada) Glasir”, de acordo com Egeler (2017, p. 76). Considerando a importância de ilhas mágicas ao oeste e de árvores divinas na escrita de Tolkien (incluindo a árvore dourada Laurelin, localizada em Aman), essa conexão entre mito e paisagem do noroeste europeu pode ter auxiliado na imagética sagrada ao redor de Sheave e seu barco sobrenatural.

O fato de que essa população que encontrou a criança Sheave estava vivendo em constante medo e pavor, tendo esquecido dos prazeres da música, do calor e da luz, associa a

narrativa de “King Sheave” com a história dos Homens que vivem sob o domínio da Sombra no legendário de Tolkien. Essa associação é reforçada pelo duplo significado do emprego da palavra *Middle-earth* no poema: alusão à *miðgarðr* nórdica, à *middangeard* anglo-saxônica, e também à Terra-média do legendário. Em *O Silmarillion*, o Alto Elfo Finrod Felagund, vindo de Eldamar, entra em contato pela primeira vez com os Homens migrando das trevas ao Leste e, encontrando uma harpa, introduz a música e arte dos Elfos à humanidade (Tolkien, 2001, p. 140). De maneira similar, Sheave chega do Oceano profundo trazendo uma harpa – um acréscimo de Tolkien à lenda – e revela a existência da arte e da música aos homens do Norte vivendo nas sombras.

Nos comentários de Christopher Tolkien (editor da série *The History of Middle-earth*) sobre o poema, ele menciona que na perspectiva de seu pai, a história de Scyld Scefing em *Beowulf* era equivalente à narrativa de Scaef no *Gesta Regum Anglorum*, interpretando o nome desse rei lendário como “Shield of/with the Sheaf”, isto é, “Escudo do/com o Feixe”, e assim uma divindade da colheita (Tolkien, 2015). A morte e o funeral de Scyld Scefing, conforme narrados em *Beowulf*, remetem talvez aos ritos de enterro no mar comuns na literatura dos povos do norte da Europa, com seu corpo coberto de riquezas sendo enviado para além-mar. Contudo, como Christopher Tolkien (2015) aponta, o fato de o corpo de Scyld Scefing ser enviado em direção a um destino e a mãos desconhecidas pelos homens, alude a uma origem possivelmente divina, talvez relacionada ao deus Ing, que também vem e retorna ao mar no poema rúnico em inglês antigo (Halsall, 1981). Um elemento em comum nessa conexão é o relacionamento das duas figuras com os dinamarqueses: Scyld como progenitor dos reis da Dinamarca tanto em *Beowulf* quanto na *Ynglinga saga*, e Ing como sendo uma figura lendária conhecida entre os dinamarqueses no poema rúnico (Halsall, 1981, p. 91). Esses aspectos que unem esses personagens mitológicos teriam sido particularmente interessantes para Tolkien, visto que trazem ideias em comum com a Terra Abençoada de Aman além-mar, em que apenas aqueles que foram escolhidos podem alcançar. Além disso, a ascensão de Sheave como rei e futuro progenitor de reis entre os homens do norte no poema de Tolkien também revela uma ligação com o divino, já que graças a ele os mortais agora têm colheitas abundantes e riquezas nunca antes vistas, tornando-se poderosos.

Assim sendo, “King Sheave” representa não apenas uma continuação moderna da tradição da poesia anglo-saxônica, como também uma investigação e exploração por parte de

Tolkien do vínculo entre os mitos nórdicos e o desenvolvimento de seu próprio legendário, unindo elementos de lendas dos vários povos do noroeste da Europa em uma síntese na figura de Sheave, simultaneamente rei histórico, lendário e ficcional entre lombardos, dinamarqueses, anglo-saxões e entre os Homens da Terra-média.

### Referências bibliográficas

#### *Fontes primárias:*

ANÔNIMO. *The poetic Edda*. Tradução de Carolyne Larrington. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LIUZZA, Roy Michael. *Beowulf*. Broadview: Ontario, 2012.

MALMESBURY, William of. *Gesta regum anglorum: the history of the English kings*, vol. I. Tradução de R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 1998.

STURLUSON, Snorri. *The prose Edda*. Tradução de Jesse L. Byock. Londres: Penguin, 2005.

TOLKIEN, J. R. R.; TOLKIEN, Christopher (ed.). *The lost road and other writings*. London: HarperCollins, 2015.

#### *Fontes secundárias:*

BRUCE, Alexander M. *Scyld and Scef: expanding the analogues*. New York & London: Routledge, 2002.

CARPENTER, Humphrey. *J. R. R. Tolkien: a biography*. Boston: Houghton Mifflin, 2006.

EGELER, Matthias. *Islands in the West: classical myth and the medieval Norse and Irish geographical imagination*. Turnhout: Brepols, 2017.

HALSALL, Maureen. *The Old English rune poem: a critical edition*. Toronto: University of Toronto Press, 1981.

OLSEN, Alexandra H.; RAFFEL, Burton (eds.). *Poems and prose from the Old English*. New Haven: Yale University Press, 1998.

SCRAGG, Donald G. The nature of Old English verse. In: GODDEN, Malcom; LAPIDGE, Michael (ed.). *The Cambridge companion to Old English literature*. 2 ed. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 50-65.

TOLKIEN, J. R. R; TOLKIEN, Christopher (ed.). *The Silmarillion*. Boston: Mariner Books, 2001.